

Vida artistica parisiense

Os franceses e Portugal--A teira de Saint-Cermain--As exposições recentes

Via-se ha annos numa montra de confeitiro, alli nos *Grands Boulevards*, em exposição de reclame, duas galinhas no chôco, feitas de capa de figos, com ovinhos e olhinhos de amendoa colorida, tendo espetado no lombo o seguinte letreiro ilucidativo : — *Gateaux portugais fabriqués par les sauvages de l'Algarve*.

Este episodio commercial é a syntese dos conhecimentos e opiniões que os francezes teem sobre Portugal.

Ora nem a guerra onde viemos quichotescamente, nem as revoluções periodicas de Lisboa, nem a presença definitiva do senhor Affonso Costa em Paris, alteraram a ignorancia geografica deste povo. Continuamos a ser uma provincia hespanhola sob o dominio inglez com cinco milhões de habitantes de côr negra, como affirma um mappa da Gran-Bretanha, impresso em francez que alguem ha tempos me offertou ironicamente.

Seria por um caso de gratidão politica que Eugenio de Castro, Gomes Teixeira, Saccadura Cabral e Gago Coutinho vieram ultimamente á Sorbonne?

Seria para corrigir as erratas do que cá fóra se tem escripto sobre nós?

Ou seria simplesmente uma missão official de propaganda do nosso ideal desmesurado?

Na verdade, ao fim da tarde em que os nossos heroicos aviadores vieram ao Bairro-Latino, comprei eu a um *camelot* da rua um par de passarocos de folha com azas amarelas, que este apregoava afirmando ser—*les deuz as portugais...* Outra syntese... Esta é a do espirito parisiense perante Tudo...

Foire de Saint Germain, em pleno bairro aristocrático do mesmo santo, na praça de St. Sulpice, com torções de papelão, tendas de lona e frasco, trajes de chita e farrapagem. Rapariguitas limphaticas a vender flores e bon-bons; matulões de cabeleira de estopa e borzeguins estafados a ler a signa, a cantar *couplets*, a jongleurisar com arcos e paulitos; judeus pindéricos a impingir nas barracas escanceladas livros e estampas falsificadas; actores feirantes a declamar ao ar-livre, num palco improvisado sobre caixotes e pintado a cola que desbota com a chuva; e sobre as ameias de architectura foxtrotante e arcarias de *carton pierre*, clarins medievaes tocados por quatro bombeiros gordos e safados, catrapiscando com esgares de boirachos o pequenome vendedor de latões e zincos, avisam o illustre publico que a festa vae no apogeu do movimento, da traficancia, do entusiasmo.

Feirantes e tratantes pelintras que causam dó...

Atravessamos a epocha da parlapatanice, do *tout faux*. No fundo de cada indigena ha um *camelot* escondido. Muita parra e pouca uva. Contentam-se com o aspecto das coisas e aferrolham os *sois* para um futuro descançado numa casa de tijolo nas cercanias de Paris, com pesca á truta de manhã, manilha á tarde e somneca á noite empanturrados, de mandria e caldeirada dos peixôcos.

Esta feira, como a do Palais Royal, que agora tambem se reorganisa, tem as suas tradições pitorescas e respeitaveis, com fidalgos, mercadores e artistas. Dezappareceu com a civilização e volta-nos desde o anno findo com o pretexto dos gramofones de barbeiro por alturas das boas-festas. Tão necessitada de brilho, presumo que não irá longe do peito... As charangas estafam-se, os pregoeiros enrouquecem, mas o povinho desconfiado e foirêta tem melhor e por menos preço em Neuilly, onde tambem a festança promette este anno ser de arromba.

Junta-se este mercado com a festa nacional de Jeanne d'Arc. a Santa que depois da guerra ultima tomou maior vulto, e da qual os social-communistas temem a sombra de gloria, que é bem mais valente que toda a guarda republicana que os espadeira nas grèves.

Eu não sei de symbolo mais alto para este povo cansado da palhaçada politica, que o arruinou phisica e monetariamente. O grande milagre da Santa opera-se agora nos espiritos dos francezes : — Deus e Patria !

Era ver a multidão á passagem do cortejo marcial que se dirigia á estatua doirada na praça das Pyramides, cantando em cõro

*Fils de ces preux,
Chantons comme eux,
Vive Jeanne, vive la France !*

ou a seguir a cavalgada festiva e christã que á noite com balões, archotes e rufos de tambor se recolheu á *Foire*, levando á frente na sua montada branca uma linda moçoila de armadura e estandarte flordelysado, copia do quadro de Ingres, que se vende pelas ruas em reproduções litografadas.

A multidão crê... Descobria-se a passagem das tropas mas era á Patria que resava... Sor-

ria á Pucelle mas olhava o ceu... *O pintor Francis Picabia*

Esta fé e este amor é que salvam hoje este povo, egoista e economico, mas crente em si e em Deus, Todos-Poderosos.



Gen.

Entre as assaz numerosas exposições que diariamente brotam nas galerias de arte, Picabia, o *clown* da pintura moderna, veio tambem até ao publico mostrar-lhe os seus desenhos de hespanholas e toureiros da *rue la Paix*, chiques manequins merecedores de edição em bilhete postal.

Depois de ter assentado praça no Impressionismo, onde chegou ao grau de sargento, desertou para o cubismo austero até trepar ao degrau da critica de Apollinaire, resaviando-se mais tarde para crear escola além. Abandonou no dádaismo patusco de saudosa memoria, nega-o agora a pé junto e, tresmalhado do bom senso e da sensibilidade, impinge-nos um ingrismo janota, apedraçado,

feito a nankim e vermelhão, como bonecas catitas de casa de modas cotada.

Tout passe... Helas!...

E' que aqui, nesta santa terra de exigentes, ou se cria sempre e melhor ou se cahe de ventas em terra, e adeus gloriolas de um dia...

Requient in pace!

— Paul Signac, inventor do *pointillisme* e presidente dos *Independentes*, veio tambem ao Bernheim mostrar-nos os seus cartões aguarelados. Sempre o mesmo, sempre sabio, quasi prégador no deserto, fincou-se no seu talento de divisionista e na sua criação de luminosidades interpostas, e cheio de persistencia ficará amanhã sósinho no terreiro mas sem abdicar de ser o principe da côr.

Os seus desenhos a sepia e negro, de labor paciente e original, ficarão na historia da pintura como provas duma fé ardente, sem seguidores, mas marcante duma era de revolta ajuizada.

— Favory e Waroquier, na mesma galeria, destacam-se dos outros colegas já categorisados, pela pujança dos tons, pelo sensualismo dos volumes exagerados mas ricos de sensibilidade, pelo desenho realista e forte, pela dignidade da interpretação do motivo escolhido, pela lealdade perante a natureza.

São dois nomes a apontar no caderno dos estudiosos, dois valores á bica para a anthologia da arte contemporanea.

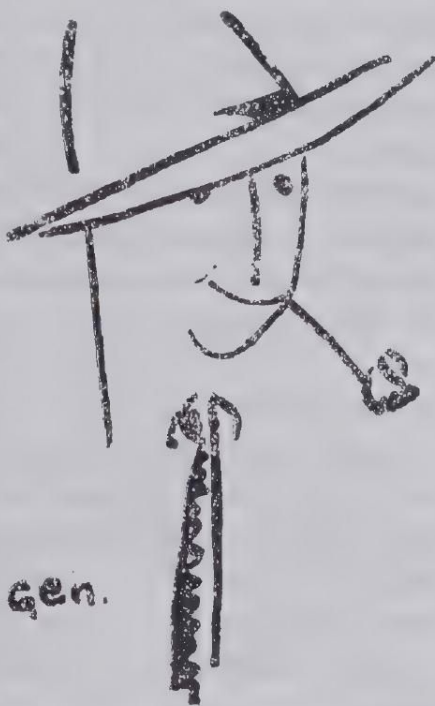
— Mané-Katz, deformista bem intencionado, cultor do *gris* verde limo, assim como Bosshard, estylista de curvas do nu, intersepcionista das formas e tambem sombrio fixador dos tons sépia e rosa-pálido, foram este mez remarcados pelos doidos que se preocupam com a arte, pelos doentes da belesa, que tambem se não furtaram a aplaudir Yves Alix, outro pintor de folego e saber que no *Salon* dos *Independentes* ultimo, ganharia o H. C. se lá os houvesse, com o seu *Balcon*, rival do de Manet, obra-prima da pintura francesa.

— *Chez Ruel*, depois das cambodgianas de Piot, abriu-se a retrospectiva de Odillon Redon, o synthetista dos estados espirituaes em decadencia, o colorista requintado

das flores e borboletas sobre fundos de transparencias vitralescas, o definidor dos symbolos litterarios, com baudeleiresismos de inspiração e orientalices de *métier*.

Gravador, desenhador e pintor, como Gauguin e Van Gogh ficou sosinho no espaço que conquistou, sem discipulos nem imitadores, salvo nos poetas onde o pasto dos bisarrismos fructifica sempre sobretudo quando elles teem o sumo do talento como na obra deste artista, raro eleito das mulheres, dos intellectuaes e dos *blasés*...

— Na galeria Barbazanges, pela segunda vez se apresentou o «Grupo da *taille directe*». Apenas distinguirei o escultor hespanhol Manolo, artista de envergadura, talhador de formas novas, com uma esthetica nova, com uma *gaucherie* nova; Joseph Bernard, suave colorista de *croquis*, estatuário sereno de movimentos



gen.

serenos, creador de expressões angelicas em figuras pagãs, simplificador da natureza e classico guardião da melhor sementeira de França, que apesar do que se préga nas gazetas, ainda neste seculo é a escultura; e o polaco Zadkine, exotico rcortador de troncos, que sabe guardar-lhes o instincto dos contorsionados, abrindo-lhes, a goivadas habilidosas, massas e linhas inéditas, expressões semi-archaicas, semi-negroides, neo-cubismos esquecidos ao Brancusi e ao Archipenko, talhadores directos do arrojo deste novo apóstolo do pantheismo das fórmulas...

Vieram ha anos os bailados russos. Correram logo depois, na mira dos lucros, os suecos. Todos os bailes exóticos de paizes distantes e todo o theatro mimico dos confins do mundo chegaram ás scenas de Paris. A começo,

um enorme successo; depois o canção. Paris farta-se de pressa. O glorificado hoje é um esquecido amanhã. Paris é o maior ingrato para os que victorla á pressa. Hontem glorificou-os em triumpho, hoje olvida-os e amanhã nega-os. Ai d'aquelles que topam o cume... É que ha centenas de pretendentes ao throno e todos teem direitos iguaes de lá se sentarem, por um minuto que seja. A vida é curta e a gloria ainda é mais ephémèra. Todos nós, os calcêtas destas galés de bulevar, conhecemos mil casos de mil heroes.

Hontem Léon Bakst foi um deus; agora é quasi um suportado pelo publico. Ha dez annos foi elle, para o theatro, o que Mucha fôra no tempo da *divina* Sarah: — um idolo do gosto. A moda vem no carro do tempo... Carro que passa, só refeito totalmente de novo se suporta segunda vez na pista.

Bakst vae morrer; Picasso já lá vae tambem. A Wassilieff, excentrica do sexo ambiguo, por encomenda de Poirret, anda a vender-lhes o retrato nas festas de caridade, feito em bonecas de crina e pelica... Cocteau fez-lhes o panegirico em verso invertido...

Ha já muito mais de novo, muito mais da ultima-hora. A moda, felizmente, não é eterna. A moda exige futilidade, fogo de vistas, rendas de sonhos, e logo se esvae e desaparece com o inverno proximo. Só fica a arte serena. A eternidade é calma... A morte nos cemiterios exige que as estatuas chorem mas sem gestos. Nos muzeus e monumentos tambem só resiste a expressão extatica, que é a eterna. Tudo o que fôr espalhafatoso passa, por que é falso. Cada geração tem o seu *eu* e só a esphinge—egipcia, grega ou quinhentista, domina as tendencias desiguaes dos povos e das éras.

A arte rataplanesca, feita de cabriolas de côr, que Bakst explorou, vae passar em breve ás revistas do *jaubourg*.

No *Atelier*, em Montmartre, os scenarios e trajés de «O que vivia a sua morte», e no *Vieux Colombier*, e no *la Chimere*, tudo é já mais moderno que nos *décors* da *Opera* ou *Chatelet*. O *Campos-Elyseos* precisa de inventar algo de novo. O theatro de Moscou foi a ultima vibração que lá se gosou.

O «Martyrio de S. Sebastião» foi a derradeira maravilha revelada, creada e purificada por D'Annunzio, Debussy, Rubinstein e Bakst. Hontem, na *Phedre*, estes dois ultimos descobriram a sua decadencia. Accusaram bem o derrancamento da sua esthetica. *D'Annunzio reste*, como diria Marinetti, porque esse sabe multiplicar-se constantemente. Camaleão de talento, quando receia tombar annuncia a sua morte. Voa num avião, fura o arco-iris do nosso espanto, zigzagueia em torno do sol, e quando o mundo olha o ceu a ver se elle se despega do apnelho, atira-nos mil folhetos, mil versos, mil retratos, faz nuvens de papeis e de phrases, desnorteia-nos, cega-nos e foge. Julgamo-lo morto e elle apenas se escondeu. O telegrapho em breve dará conta de si. Vae talvez rifar em leilão os seus colaboradores na *Phedre*!...

Paris — 1923.

Diogo de Macedo.

Aos assinantes da “Revista Portuguesa”

A benevolencia com que esta revista tem sido recebida pelas pessoas a quem a temos enviado, dá-nos a garantia de que o pedido que seguidamente vamos fazer aos nossos presados assignantes será satisfeito sem reluctancia.

A “REVISTA PORTUGUESA” nem está enfeudada a nenhum dos potentados financeiros do paiz nem quer, a troco de qualquer compensação material, dar relevo, nas suas paginas, a qualquer dos magnates politicos portugueses desejosos de fazer crescer a sua artificial popularidade.

A “REVISTA PORTUGUESA” mantem-se e